
UM PROJETO CATÓLICO DE NAÇÃO: SERAFIM LEITE S. J. (1890-1969) E A OBRA *PÁGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL*¹

ONE CATHOLIC PROJECT OF NATION: SERAFIM LEITE S. I. (1890-1969) AND THE WORK *PÁGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL*

UN PROYECTO CATÓLICO DE NACIÓN: SERAFIM LEITE S.J. (1890-1969) Y LA OBRA *PÁGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL*

Flávio Massami Martins Ruckstadter ²
Maria Cristina Gomes Machado ³

Resumo:

Este trabalho teve como tema o pensamento do intelectual católico luso-brasileiro Serafim Leite (1890-1969). Serafim Leite foi padre da Companhia de Jesus e, embora português, viveu durante muitos anos no Brasil, onde se tornou reconhecido intelectualmente pelo grande trabalho de pesquisa sobre a história dos jesuítas na época da colonização portuguesa na América. Seus trabalhos lhe garantiram participação nos meios intelectuais luso-brasileiros. O artigo partiu do pressuposto de que a obra intelectual de um autor pode ser fonte para a pesquisa histórica em Educação, pois é elucidativa quanto a um projeto social em discussão em determinado momento da história. O objetivo do texto foi analisar alguns elementos de seu pensamento sobre o passado jesuítico na colonização para compreender o projeto de nação defendido pelo autor nos anos de 1930. A principal fonte utilizada nesta discussão é o livro *Páginas de História do Brasil*, publicado em 1937, como parte da famosa *Coleção Brasileira*. O estudo considerou, em seu pensamento, os conceitos de história, sociedade e educação. Por meio da análise destas categorias foi possível afirmar que o projeto de nação católica defendido por Serafim Leite coincide com outros discursos de parte da intelectualidade brasileira que ao longo da primeira metade do século XX, tinham interesse em dar sentido à ideia de nacionalidade e unidade para o povo brasileiro.

Palavras-chave: Serafim Leite (S. J.); História da educação; História dos intelectuais; *Páginas de História do Brasil*.

Abstract:

This work had as its theme the thought of the catholic intellectual Portuguese-Brazilian Serafim Leite (1890-1969). Serafim Leite was a Society of Jesus' father and, although Portuguese, he had lived for many years in Brazil, where he became intellectually known for his great research work about the history of the Jesuits in the time of the Portuguese colonization in America. His works had guaranteed him participation in the intellectual groups in Brazil and in Portugal. The article presupposed that the intellectual work of an author can be source of the historical research in Education, because it is elucidative a social project in discussion at some time of history. The objective of the text was to analyze some elements of his thoughts about the past of the Jesuits in the colonization in order to understand the project of nation defended by the author in the 1930s. The main source used on this discussion is the book *Páginas de História do Brasil*, published in 1937, as part of the famous *Coleção Brasileira*. The analysis considered in his thought, the conceptions of history, society and education. Through the study of these notions, it was possible to affirm that the project of one catholic nation advocated by Serafim Leite coincides with other discourses of part of the Brazilian intelligentsia that during the first half of the 20th century had been interested on giving sense to the idea of nationality and unity to the Brazilian people.

Key-words: Serafim Leite (S. I.); History of Education; History of intellectuals; *Páginas de História do Brasil*.

¹ Este texto é resultado de parte das investigações realizadas no curso de Doutorado em Educação na Universidade Estadual de Maringá (UEM), cursado entre os anos de 2008 e 2012. Contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

²Doutor em Educação, Universidade Estadual do Norte do Paraná, *Campus* Jacarezinho (UENP). Endereço para correspondência: Rua Padre Mello, 1200, Jardim Marimar. CEP: 86400-000. Jacarezinho – PR. Telefone: (43) 3525-3589. E-mail para contato: flavioruckstadter@uenp.edu.br

³Doutora em Educação, Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Resumen:

Este trabajo tiene como tema central el pensamiento intelectual católico luso-brasileño de Serafim Leite (1890-1969). Serafim Leite fue Padre de la Compañía de Jesús, siendo originariamente portugués, aunque vivió durante muchos años en Brasil, precisamente donde es reconocido intelectualmente por su gran trabajo de investigación sobre historia de los jesuitas en la época de la colonización portugués en América. Sus trabajos le garantizaron la participación en los medios intelectuales luso-brasileños. El artículo parte del presupuesto de que la obra intelectual de un autor puede ser fuente para el estudio histórico de la Educación, puesto que es demostrativa del proyecto social en discusión en determinado momento de la historia. El objetivo del texto fue analizar algunos elementos de su pensamiento sobre el pasado jesuítico en la colonización para comprender el proyecto de Nación defendido por el autor en los años 1930. La principal fuente utilizada en esta discusión es el libro *Páginas de História do Brasil*, publicado en 1937, como parte de la famosa *Coleção Brasileira*. El estudio consideró los conceptos de historia, sociedad y educación en este particular pensamiento. Por medio del análisis de estas categorías fue posible afirmar que el proyecto de Nación católica defendido por Serafim Leite coincide con otros discursos de parte de la intelectualidad brasileña que a lo largo de la primera mitad del siglo XX tenían intereses en dar sentido a la idea de nacionalidad y unidad del pueblo brasileño.

Palabras-clave: Serafim Leite (S. J.); Historia de la educación; Historia de los intelectuales; *Páginas de História do Brasil*.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a obra intelectual de determinadas figuras históricas podem se constituir em importantes contribuições para desvelar a(s) maneira(s) como uma época pensa a si mesma e interpreta seu passado, ao mesmo tempo em que elabora projetos de sociedade. Quando contextualizada, a análise do pensamento de um autor pode ser um recurso importante na pesquisa histórica em Educação, uma vez que permite ao investigador o acesso ao passado e à forma como homens de outros períodos pensaram seus problemas, suas fraquezas e suas virtudes.

Nesse contexto, este artigo tem como objeto o pensamento de Serafim Leite, um importante intelectual católico luso-brasileiro do século XX. A principal fonte aqui utilizada é a obra *Páginas de História do Brasil*, publicada em 1937, pela Companhia Editora Nacional. O objetivo do estudo é analisar alguns aspectos de seu pensamento a respeito da história da Companhia de Jesus no Brasil no tempo da colonização portuguesa na América para a compreensão do projeto de nação defendido por este autor. Nesse sentido, estabeleceram-se como categorias de análise a visão de história, sociedade e educação que ele apresenta nestes escritos. Realizou-se uma investigação histórica, que partiu do pressuposto de que a obra e o pensamento de um intelectual não podem ser compreendidos fora do contexto em que foram produzidos e que esta análise pode ser elucidativa de determinado projeto social em discussão naquele momento histórico.

A publicação em questão, *Páginas de História do Brasil*, reveste-se de importância, uma

vez que apresenta as ideias centrais do intelectual que mais tarde seria consagrado como o historiador oficial da Companhia de Jesus no Brasil. Entre os anos de 1938 e 1950, Serafim Leite publicou a monumental *História da Companhia de Jesus no Brasil*, em dez tomos, obra imprescindível para o estudo da história da atuação jesuítica em terras da então colônia portuguesa na América.

Este texto começa com uma análise da trajetória intelectual de Serafim Leite, procurando explorar os caminhos que o levaram a ser considerado um intelectual influente nos contextos português e brasileiro, ao longo do século XX. Posteriormente, realiza uma discussão sobre a obra *Páginas de História do Brasil*, analisando sua estrutura interna e o projeto editorial do qual fazia parte para, em seguida, a partir das categorias anteriormente citadas, analisar o projeto por ele defendido.

TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE SERAFIM LEITE

Daqui a um ano terei meio século de existência. Talvez me reste pouco mais. Paremos um instante. Nestas alturas já se pode olhar para trás para descortinar, através da vida, as diversas linhas que lhe formam a tessitura. Há uma constante que prepondera entre mil. Sinto que a minha paixão dominante são os livros. Não a coibi. Deus encarregou-se de lhe dar solidez e de a tornar fecunda.

Serafim Leite, 2 de fevereiro de 1939.

Serafim Leite se via como um homem que tinha, de forma predominante, paixão pelos livros. Todavia, este fato, por si só, não seria suficiente para que ele pudesse ser considerado um intelectual. Foi somente no conjunto das relações sociais por ele estabelecidas que esta definição pode surgir, ratificada por outros também assim denominados.

Neste texto, compreendemos que *intelectual* é um adjetivo relativo à inteligência, ou àquele que usa a inteligência. A partir disso, podemos assumir, momentaneamente, a ideia segundo a qual não exista o não-intelectual. Ou seja, todos os homens são intelectuais, pois, em qualquer atividade humana é imprescindível o uso da inteligência, do intelecto. Mas, então, isto nos direciona a um problema, em decorrência da afirmação que fizemos no parágrafo anterior: o amor que nutria pelos livros não seria suficiente para que Serafim Leite pudesse ser *considerado um intelectual*. Assim, é preciso compreender que, na sociedade, embora os homens sejam intelectuais, nem todos desempenham uma função intelectual (GRAMSCI, 1982). Em outras palavras, há uma visão cristalizada segundo a qual nem toda atividade humana é vista como atividade intelectual; os trabalhos que exigem um esforço muscular-nervoso maior do que o esforço de elaboração intelectual não são entendidos como trabalhos intelectuais e sim “braçais”. Por outro lado, as atividades em que o esforço na elaboração intelectual supera o esforço muscular-nervoso são definidas como atividades intelectuais. Em função disso, nossa sociedade entende que os intelectuais, por assim dizer, são, entre outros, políticos, juristas, jornalistas, escritores, filósofos, historiadores, homens das letras. Mas precisam do reconhecimento de seus pares para que assim possam se definir.

Este trabalho considera que Serafim Leite possa ser definido como um intelectual. Por um lado, ele dedicou grande parte de sua vida ao estudo, especialmente à pesquisa a respeito da atuação dos jesuítas na América Portuguesa⁴. Por

outro lado, além de todo o esforço em produzir uma grande obra sobre a história dos jesuítas na colonização portuguesa na América, Serafim Leite alcançou amplo reconhecimento de seus contemporâneos como intelectual influente; é o que a análise de sua trajetória de vida nos permite perceber.

Nascido em São João da Madeira, em 1890, realizou estudos primários em sua terra natal e aos quinze anos se mudou para o Brasil, no estado do Pará, a fim de trabalhar com um tio comerciante. Nesse tempo, trabalhou como guarda-livros e estreou como escritor no jornal local, na cidade de Monte Alegre. Ainda jovem, publicou alguns contos, crônicas e poesias, antes de retornar para a Europa, em 1913, com o objetivo de retomar os estudos para se ordenar padre (o que aconteceu em 1927). O fato de ter passado alguns anos da adolescência em terras brasileiras foi, por mais de uma vez, ressaltado por ele como de fundamental importância para os estudos que mais tarde viria a desenvolver.

Aconselhado por um tio padre, ingressou como noviço da Companhia de Jesus em 1914, na antevéspera da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Sua formação intelectual, como padre jesuíta, aconteceu na Bélgica e na Espanha, países para os quais a casa de formação da Companhia de Jesus em Portugal havia se mudado em função da perseguição às Ordens Religiosas católicas promovidas a partir da instalação da Primeira República (1910-1926). Em um texto autobiográfico, escrito em 1939, Serafim Leite afirmou que o que lhe motivou o ingresso na Ordem foi um profundo amor pelos livros e pelos estudos (LEITE, 1940). Tal disposição ao estudo não passou despercebida por parte de seus superiores que, mesmo antes de sua profissão solene (1932), destinaram-no à redação do periódico *O Mensageiro*, em 1926. Mais tarde, em 1929, foi instruído a se mudar para Lisboa, onde havia se instalado a redação da revista *Brotéria*. Com isso, estava definido o ofício que

⁴ A expressão *América Portuguesa* foi utilizada pela primeira vez no livro *História da América Portuguesa*, de autoria de Sebastião da Rocha Pita, editado em 1730. Caído em desuso, o termo (elevado à categoria de conceito) foi reabilitado, entre outros, por Fernando Novais, em 1997, no primeiro volume da obra *História da Vida Privada no Brasil*. Para o autor, justifica-se seu uso, em vez de *Brasil Colônia* ou *Brasil Colonial*, em função do anacronismo destas expressões, construídas *a posteriori*, uma vez que os

contemporâneos não tinham a noção de que estavam vivendo uma fase particular da história. No entanto, o termo não era utilizado nem mesmo pelas instituições responsáveis pela administração colonial, como é o caso do Conselho Ultramarino, criado em 1642. Além disso, o termo não se refere a todo o território que conhecemos atualmente como Brasil, visto que o processo de expansão territorial dos domínios portugueses na América, entre os séculos XVI e XIX, foi lento e gradual. Assim, o uso do termo deve ser feito de maneira cuidadosa (VAINFAS, 2001, verbete *América Portuguesa*).

desempenharia na Companhia de Jesus: seria escritor.

A partir de seu ingresso definitivo na Companhia (1932), sua vida tomou um rumo novo: seu superior em Portugal, Cândido Mendes (1874-1943), encomendou-lhe um trabalho que fazia parte de um projeto maior dos jesuítas portugueses: escrever uma parte da História da Companhia de Jesus na Antiga Assistência de Portugal. Dentre as opções disponíveis, constavam a história dos jesuítas no Brasil ou a história dos jesuítas no Oriente. Por motivos de afinidade, sua escolha foi o Brasil. Daquele momento em diante, sua vida foi toda dedicada e marcada pela pesquisa que resultaria na monumental obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*, publicada entre os anos de 1938 e 1950, em dez tomos. Importante fonte para o estudo da história da educação no Brasil, o texto pode ser considerado um clássico, que nos permite investigar, entre outras coisas, de que maneira um intelectual católico, na primeira metade do século XX, pensou e analisou o projeto educativo dos jesuítas nas possessões portuguesas na América, entre os séculos XVI e XVIII. O fato de ser obra encomendada revela, também, a preocupação dos jesuítas em Portugal em rememorar um passado glorioso, de maneira a reconquistar um papel de relevo na sociedade portuguesa após a perseguição que se instalou com o advento da República naquela nação.

A pesquisa realizada por Serafim Leite permitiu ao jesuíta frequentar os meios intelectuais, e ser reconhecido como tal, tanto no Brasil quanto em Portugal. Leite passou a proferir palestras, publicar estudos e fazer parte de várias instituições como a Academia Brasileira de Letras, a Academia Portuguesa de História, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia de História das Ciências, o Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, entre outros.

De maneira geral, aquele que percorre a bibliografia de Serafim Leite não pode deixar de ficar ao menos admirado. O volume de trabalhos publicados ao longo de 56 anos é, de fato, significativo. Miquel Batllori (1962) havia elencado 277 obras, às quais se somam mais algumas, entre 1962 e 1969. Tal situação lhe permitiu ser considerado por seus contemporâneos, um intelectual, no sentido mais estrito do termo. Uma vida a serviço dos livros.

Mas o percurso que permitiu a Serafim Leite ser reconhecido como o historiador oficial da Companhia de Jesus no Brasil não pode ser explicado exclusivamente por sua dedicação individual e, como ele mesmo definiu, amor aos livros. É evidente que isto fez grande diferença, uma vez que o fato de ser um estudante dedicado e portador de uma sólida formação não foi ignorado por seus superiores jesuítas que, já em meados dos anos de 1920, destinaram-no à redação de um jornal e de uma revista. Contudo, as motivações para que o *padre* se tornasse o *historiador* foram provenientes do próprio momento histórico e situação pela qual passava a Companhia de Jesus em Portugal no final daquela década. A necessidade de reconquistar um espaço de prestígio na sociedade lusitana, depois da perseguição que sofreram durante a Primeira República, motivou os jesuítas portugueses a elaborarem um grande projeto de pesquisa que tinha como objetivo principal, narrar os grandes feitos da história da Ordem na Antiga Assistência de Portugal. Assim, e aí toma parte o elemento individual, Serafim Leite foi um dos escolhidos para empreender tal tarefa, principalmente devido a sua sólida formação acadêmica. Desse modo, é na confluência de fatores individuais e coletivos que devemos compreender sua vida a serviço dos livros.

ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DE PÁGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL

Páginas de História do Brasil, a obra analisada neste texto, foi lançada um ano antes de se iniciarem as publicações dos primeiros tomos da *História da Companhia de Jesus no Brasil*. É o volume 93 da *Coleção Brasileira*, a 5ª série da famosa *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, que, sob a direção de Fernando de Azevedo (1894-1974), publicou variados estudos sobre história do Brasil. É composta de dezesseis trabalhos independentes, não necessariamente inéditos, uma vez que alguns deles já haviam sido publicados em outros impressos. No entanto, foram especialmente reunidos para comporem um volume da referida coleção, dentro de sua proposta de oferecer ao público leitor, uma interpretação sobre o Brasil.

Apesar de serem trabalhos independentes entre si que compõem *Páginas*, todos são resultado do projeto de pesquisa que Serafim Leite vinha empreendendo desde 1932. Por isso

mesmo, as discussões que apresentadas na obra seriam todas aprofundadas em *História da Companhia de Jesus*. Contudo, estes estudos já contêm as linhas-mestras do pensamento apresentado nos anos e obras subsequentes.

No total, o livro é composto de dezesseis partes ou capítulos, assim intitulados: I – Influência Religiosa na Formação do Brasil; II – As primeiras escolas do Brasil; III – O primeiro vocabulário Tupi-Guarani “Portuguez-Brasiliiano”; IV – O primeiro embarque de órfãos para o Brasil; V – A fundação de São Paulo; VI – Uma grande bandeira paulista ignorada; VII – Da Villa de São Paulo ao Rio de São Francisco; VIII – António Rodrigues, soldado, viajante e jesuíta português na América do Sul no século XVI; IX – Por comissão de Manuel da Nóbrega; X – A primeira biografia inédita de José de Anchieta, apóstolo do Brasil; XI – Quando nasceu José de Anchieta?; XII – Um autógrafo inédito de José de Anchieta; XIII – Os jesuítas no Brasil e a Medicina; XIV – Conquista e fundação do Rio de Janeiro; XV – Derrota de Maurício de Nassau no cerco da Baía; XVI – Apêndice: Uma história manuscrita da vice-província do Maranhão. Como se percebe, são títulos diversos que se originaram da pesquisa que Leite vinha desenvolvendo durante os anos de 1930, para a redação de sua *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Alguns destes trabalhos, como é o caso dos quarto e décimo⁵ capítulos, por exemplo, não eram inéditos (ou seriam publicados mais tarde em outras obras).

Além disso, *Páginas* foi publicada na *Coleção Brasileira*, o que nos permite perceber a importância e o reconhecimento de Serafim Leite enquanto um intelectual no Brasil. Por meio desta publicação, em 1937, Serafim Leite passava a integrar o projeto intelectual da *Coleção Brasileira*, que a configurou como um núcleo da *intelligentsia* brasileira ao longo dos anos 1930. Os autores que eram convidados a publicar na coleção transitavam, em sua maioria, entre a imprensa, o incipiente sistema universitário, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, os museus e os órgãos de administração pública

federal. Nomes expressivos da intelectualidade de então.

[...] O fato de uma obra integrá-la já a qualifica de antemão, o que por si só já é uma condição para sua aceitação e recomendação. O fato de integrar a coleção já lhe dá a medida do seu valor e contribuição para o enriquecimento do debate acerca das questões do Brasil. Isso nos dá bem a idéia de como a coleção era fonte de prestígio intelectual para os seus editores e autores (DUTRA, 2006, p. 311).

Nesse sentido, a obra de Leite tinha a seu favor, como justificativa para sua aceitação e recomendação, o fato de ter sido publicada como parte de um importante projeto que, ao longo dos anos 1930, sobretudo, publicou outros estudos de renomados intelectuais brasileiros preocupados em *revelar o Brasil aos brasileiros*. Além disso, a obra recebeu a apresentação de outro importante intelectual do período, a quem Serafim Leite dedicaria, no ano seguinte, o primeiro tomo da *História da Companhia de Jesus: Afrânio Peixoto (1876-1947)*.

É importante observar que a *Coleção Brasileira*, em sua forma de organização, constituiu-se num projeto que apresentava de maneira implícita, uma pedagogia da nacionalidade. Isto significa dizer que a coleção tinha um projeto intelectual formador, ancorado num modelo cumulativo de saber, que buscava fazer da mesma, a maior obra de cultura nacionalista do Brasil (DUTRA, 2006). Os volumes destinados a discutir a História do Brasil (do qual fazem parte as *Páginas*, de Serafim Leite) se constituíram no espaço por excelência da simbolização da nação:

[...] com seu patrimônio de lembranças comuns do passado nacional; seu resgate de um percurso evolutivo num tempo de progresso; e suas divisões entre um passado e um presente, os quais estabelecem as interpretações dos grandes eventos históricos da vida nacional [...] (DUTRA, 2006, p. 306).

Por meio da história, estabeleciam-se as bases para o entendimento do processo de constituição da nação, invocado como lastro por

⁵A primeira biografia de José de Anchieta (1534-1597) foi escrita pelo também jesuíta Quirício Caxa, logo após a morte de Anchieta, no final do século XVI. Esta obra, uma pequena notícia biográfica, foi apresentada ao público por Serafim Leite em 1934, nas comemorações do IV Centenário de Anchieta. A partir desta ocasião, Serafim Leite se tornou bastante reconhecido nos meios intelectuais brasileiros.

vezes das virtudes e, por outras, das mazelas nacionais⁶.

No mesmo período, outras iniciativas semelhantes foram desenvolvidas por setores da intelectualidade brasileira, representados nas diferentes editoras. Em 1936, a editora José Olympio inaugurou a Coleção Documentos Brasileiros, que teve como primeiro diretor o renomado sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre (1900-1987). Na década seguinte, a Editora Martins Fontes criou a Biblioteca Histórica Brasileira. Já nos anos 1960, a Civilização Brasileira criou as coleções Corpo e Alma do Brasil, Reconquista do Brasil, Memória Brasileira e Dimensões do Brasil. Em comum, estes diferentes projetos editoriais, assim como as obras e autores por eles publicados, traziam o desejo de conhecer profundamente a sociedade brasileira. Os tempos eram de nacionalismo e cultura e isto propiciou a elaboração de grandes ensaios de interpretação do país, que viriam a se constituir em obras clássicas do pensamento social brasileiro. Exemplos mais do que conhecidos são as obras de Gilberto Freyre, *Casa-grande & Senzala*, de 1933, e de Sérgio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*, de 1936, publicadas respectivamente, pelas editoras Schmidt e José Olympio (DUTRA, 2013).

Dessa maneira, devemos nos questionar: em que medida o conteúdo de *Páginas de História do Brasil* poderia ser lido como um espaço de simbolização da nação brasileira? Quais símbolos Serafim Leite estaria construindo por meio de seu discurso? O estudo e análise de suas concepções de história, sociedade e educação são elucidativos a este respeito.

HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO EM PÁGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL

Em linhas gerais, Serafim Leite afirma que o estudo do passado brasileiro, isto é, de sua história, possibilita conhecer o processo que

formou a tríplice unidade nacional (de língua, de território e de religião) motivo de orgulho do Brasil. Isto é visto por ele como um reflexo da colonização portuguesa, que, coordenada pelos jesuítas, instalou, por meio de um projeto educativo bem definido, um modelo de sociedade sem igual na América. Nesse sentido, seu discurso reforça símbolos que servem a um projeto de construção da nacionalidade brasileira, em curso no começo do século XX, e dirigido por parte da intelectualidade da época.

Na condição de padre da Companhia de Jesus, Serafim Leite apresenta como uma das marcas de seu pensamento sobre a história dos jesuítas na América Portuguesa, a influência religiosa. Sua visão sobre história, marcada pelo método rankeano⁷, enfatiza muito mais os aspectos religiosos da colonização do Brasil do que os aspectos políticos. Nesse sentido, apesar de ser possível classificá-lo como um historiador metódico (WREGE, 1993; PEDRO, 2008) o autor foge à regra no que diz respeito ao sentido geral da história que, para aqueles historiadores, encontra seus fundamentos nos acontecimentos políticos e para Serafim Leite, por sua vez, encontra seus fundamentos na religião. Isto deve ser compreendido considerando-se todo seu processo de formação intelectual, que era um intelectual católico, sacerdote, membro de uma Ordem religiosa tradicional e controversa no interior da Igreja Católica.

O sentido geral da colonização portuguesa na América na visão de Serafim Leite é a própria religião. O Brasil nasceu cristão! No primeiro contato com Portugal, já se arvorou uma cruz; esta seria um símbolo e uma promessa. A semente cristã, porém, a ser plantada nestas terras chegou quase meio século mais tarde, com a instituição do Governo Geral e a chegada dos primeiros jesuítas (LEITE, 1937). Esta ideia foi expressa por Leite em uma conferência no curso de férias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 8 de agosto de 1935. Mais tarde foi publicada

⁶ Conforme assinala Eliane de Freitas Dutra (2006), os títulos da *Coleção Brasileira* foram organizados em diversas subseções, dentre as quais Antropologia, Demografia, Pré-história, Arqueologia, Botânica, Geografia, Geologia, Zoologia, Etnologia, Folclore, História do Brasil, Filologia, Medicina, Higiene, Direito, Economia, Viagens, História Econômica, entre outras. Em sua primeira década (1931-1941) há um maior volume de publicação de títulos voltados para a História do Brasil. Destes, predominam estudos sobre o Império, a Colônia e por último, a República.

⁷ É possível afirmar que o método de Leopold Von Ranke (1795-1886) inclui três princípios fundamentais: 1) o rigor metódico, que serve para garantir a qualidade da informação presente nas fontes; 2) a amplitude, a articulação e a complementaridade entre os mais variados campos do conhecimento, tais como a teologia, filologia e direito, por exemplo; 3) a recusa de qualquer forma de pensamento dogmático, transcendente ou dualista. A síntese desta atitude se dá na História, como procedimento, conhecimento e experiência de vida (MARTINS e CALDAS, 2013).

em *Páginas de História do Brasil* e tinha o título: *Influência religiosa na formação do Brasil*. Um texto curto, mas que apresenta algumas informações significativas do pensamento de Serafim Leite.

Primeiramente, a questão da predominância e importância da Companhia de Jesus. Ao afirmar que a semente da religião foi plantada no Brasil com os jesuítas a partir de 1549, Serafim Leite relegava a um plano secundário as outras Ordens religiosas e mesmo o clero secular, que aqui estiveram antes dos inacianos. Sobre a presença religiosa nos 49 anos que se estendem da chegada de Pedro Álvares Cabral e a vinda dos primeiros jesuítas, escreveu que nesse período, alguns religiosos aportaram nas regiões de Santa Catarina e Porto Seguro, mas não deixaram vestígios de sua atividade apostólica, sobretudo porque não aprenderam a língua dos índios. Além disso, o clero secular do Brasil compunha-se de padres que eram indesejáveis em Portugal e que haviam sido, de certa forma, obrigados a virem para o Brasil; faziam mais mal do que bem para a colonização e conquista espiritual. Já em relação aos jesuítas, o pensamento era bem diferente: eles foram os pioneiros do movimento religioso e despertaram a nação para a civilização cristã:

Sem desconhecer o concurso dos demais, pode-se sem receio, emitir esta proposição exata: a história da Companhia de Jesus no Brasil, no século XVI, é a própria história da formação do Brasil nos seus elementos catequéticos, morais, espirituais, educativos e em grande parte coloniais. A contribuição de outros fatores religiosos não modifica sensivelmente estes resultados (LEITE, 1937, p. 14).

O pressuposto que nortearia o estudo realizado por Serafim Leite pode ser assim expresso: a motivação das conquistas territoriais portuguesas no início da Modernidade foi a expansão da fé católica. Ainda que existissem outros interesses, como os econômicos, por exemplo, a grande motivação portuguesa para suas aventuras marítimas foi mesmo o *serviço de Deus*. Nesse sentido, ele apresenta a ideia norteadora da *História da Companhia de Jesus no Brasil*: a obra dos jesuítas no chamado Brasil Colonial é fruto de um projeto português, que aliado a interesses dos mais diversos, primava pela expansão da fé católica.

Serafim Leite entende que o orgulho do Brasil é sua unidade de língua, de religião e de território. Esta tríplice unidade é um reflexo do método colonizador de Portugal, que na visão de Leite teve a conquista religiosa como prioridade. Assim, por meio da transmissão da religião, os jesuítas portugueses deram forma a uma nação que deveria se orgulhar de ter uma única religião, uma única língua e um grande território unificado. Um discurso que silenciava qualquer tipo de diversidade em nome da unidade. Além disso, pode-se afirmar que essa visão estava de acordo com a cultura histórica brasileira dos anos 1930; uma cultura de caráter nacionalista, herdeira e com apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB):

[...] De cariz nacionalista essa “cultura histórica” floresceu durante o período do Estado Novo, mas sua gestão se iniciou no “Atelier do Catete”, logo que Getúlio Vargas assumiu o poder, contou com o apoio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e perdeu até a entrada em vigor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1961. Para o bem ou para o mal, não importa, esse material historiográfico existe e desempenhou papel importante na formação de duas gerações de brasileiros, devendo, portanto, ser objeto de exame (GUIMARÃES, 2011, p. 30).

O IHGB foi fundado em 1838, durante o Império, com a finalidade de ser uma instituição que refletisse a nação brasileira. Deveria ser um espaço de divulgação cultural e científica para a construção da nação, recém-tornada independente, em 1822. Nomes importantes da política, magistratura, artes, magistério e outras atividades produtivas têm integrado o Quadro Social do Instituto desde sua fundação. Entre eles, encontra-se, por exemplo, Serafim Leite.

Os escritos de Serafim Leite, bem como sua visão de história, podem ser vistos como herdeiros dessa tradição historiográfica iniciada no Brasil com o IHGB, que tinha como objetivo primordial dar um sentido à ideia de nação. É bem verdade, no entanto, que o objetivo principal de Serafim Leite ao escrever a história dos jesuítas na América Portuguesa não era constituir uma interpretação para o processo de formação da nação brasileira; seus trabalhos e seu discurso,

entretanto, serviram e coincidiram com este processo.

É importante observar que o contexto educacional do início dos anos de 1930 era favorável, no Brasil, para que um intelectual católico publicasse seus textos e obtivesse reconhecimento. Após um período de afastamento entre Estado e Igreja Católica durante as três primeiras décadas do regime republicano, a partir dos anos de 1920 e, mais especificamente, a partir da instauração do governo provisório de Getúlio Vargas em 1930, a reaproximação entre Estado e catolicismo se tornou um fato.

Além disso, o discurso de Serafim Leite encontrava interlocutores no Brasil e em Portugal; a valorização do passado colonial era objeto de discussão de parte da intelectualidade preocupada em construir um sentido identitário para a nação. A *Revista Atlântico*, publicada durante os anos de 1940, é exemplar nesse desse aspecto: a publicação resultou de um acordo cultural assinado em 1941 entre os governos brasileiro e português, mais especificamente, entre o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e seu equivalente no governo de António de Oliveira Salazar, o Secretariado de Propaganda Nacional de Portugal (SPN). Em seu primeiro número, o então diretor do DIP, Lourival Fontes, saudou a aproximação luso-brasileira, especialmente em relação à positividade de se despertar a consciência nacional brasileira acerca dos ideais colonizadores, o que unia culturalmente a antiga metrópole ao antigo colonizado (DUTRA, 2013).

O pensamento de Serafim Leite sobre o passado jesuítico no Brasil parte da ideia de que o país deve se orgulhar por ser o que é. Uma nação de dimensões geográficas continentais, homogênea na língua e na religião. Mas o país somente é assim, porque na origem de sua formação, esteve presente o elemento religioso, muito bem representado pelo padre jesuíta, que enviado por Portugal, deu forma e imprimiu nestas terras virgens, uma feição de incontestável grandeza (LEITE, 1937).

Desta ideia podem decorrer alguns questionamentos: de que maneira os padres jesuítas, representando os interesses portugueses, deram forma e imprimiram à feição de incontestável grandeza no Brasil? Que modelo de sociedade se constituiu aqui e que, na visão do autor, apresenta esta incontestável grandeza? A resposta a estas duas questões passa pelos

conceitos de educação e de sociedade no pensamento de Serafim Leite.

A educação foi o instrumento por meio do qual os jesuítas implantaram um projeto de sociedade durante a colonização do Brasil. Como se sabe, a Companhia de Jesus, desde sua fundação por Inácio de Loyola, constituiu-se numa Ordem religiosa missionária, que fez da educação sua principal missão. Os jesuítas tiveram colégios espalhados por todo o mundo, fiéis, a partir de 1599, ao seu método pedagógico, o *Ratio Studiorum*, que pode ser considerado como um dos documentos fundadores da pedagogia moderna. No Brasil não foi diferente.

Quando se refere à educação, o autor não trata apenas da educação institucionalizada, ministrada em escolas e colégios, organizada pelo *Ratio Studiorum*. O estudo da história dos colégios jesuítos ocupa um grande espaço em suas obras, principalmente na *História da Companhia de Jesus no Brasil* (LEITE, 2006). Raquel S. Wrege (1993), por exemplo, em sua dissertação de mestrado analisou na *História* apenas os aspectos relacionados aos colégios jesuítos. Mas, além dos colégios e, portanto, além da educação formal e institucionalizada, Serafim Leite compreende educação num sentido amplo, relacionado ao processo por meio do qual a *barbárie* é substituída pela *civilização*. Dessa forma, tanto a instrução nas letras, quanto a catequização e a colonização, fazem parte de um mesmo processo pedagógico, por meio do qual, a barbárie dos índios foi sendo substituída pela civilização cristã/portuguesa. Assim sendo, não se pode compreender a educação em seu pensamento, sem que se compreenda sua visão a respeito dos povos indígenas que habitavam a terra antes da chegada do europeu.

Os índios são vistos por Serafim Leite como inferiores na escala da civilização; inferiores por condições históricas e não por condições de essência. Em sua essência são vistos como homens, tão humanos quanto os portugueses, mas que pelas condições em que viviam não precisaram se desenvolver:

A vida dos índios quando chegaram os portugueses ao Brasil, estava na escala inferior da civilização. Não é possível subir a um grau superior sem necessidades correspondentes. Os índios não a tinham. O rio ou o mar dava-lhes o peixe; a floresta, a caça. Vestuário não era preciso,

sobretudo para os que habitavam as regiões tropicais. Para que todas as complicações civilizadas? [...] (LEITE, 1937, p. 21).

Mas, para mudar tal situação, isto é, para sair de um estado de vida quase vegetativo e ascender aos estágios superiores da civilização, seria preciso criar entre os indígenas, o hábito do trabalho e a necessidade dele. Tarefa que seria realizada pela Companhia de Jesus.

A história, cumprindo sua função de substituir os símbolos, no que diz respeito aos indígenas, deve contribuir para substituir as ideias equivocadas que foram construídas pelo romantismo nacionalista do século XIX. Os documentos estão disponíveis para que os erros sejam corrigidos:

[...] Quem não conhece o *Guarani* de José de Alencar? O romance é belo, mas a realidade é outra. António Blasques deixou-nos a descrição das casas dos índios antes de aldeados, das quais os próprios meninos, depois de conviverem com os portugueses, sentiam náuseas [...] A página deve ser conservada para substituir a ilusória impressão com que o romantismo nacionalista, político e literário, falsificou os nossos aborígenes, no correr do século XIX [...] (LEITE, 1937, p. 22).

Ao discutir o processo educativo de substituição da barbárie pela civilização, por meio da catequização e difusão do trabalho, Serafim Leite apresenta aquilo que compreende como um modelo de sociedade ideal para a educação dos índios: trata-se do aldeamento. Nela, cada qual cumpre sua função e todos trabalham para o bem comum, coordenados pelo padre e pelos princípios religiosos. Em sua visão, as aldeias eram espaços coletivos criados pelos jesuítas para defesa dos índios, para que, sob a tutela dos padres não se tornassem escravos dos colonos. Nas aldeias:

[...] adquiriam os índios hábitos de trabalhos, cultivavam as terras, viviam matrimonialmente, educavam os filhos, exercitavam as indústrias mais usuais e necessárias, que os jesuítas pessoalmente lhes ensinavam, de tecelões, alpargateiros, ferreiros, pedreiros (LEITE, 1937, p. 20).

Cada aldeia contava com uma igreja e uma escola. Assim, os índios adaptados ao trabalho, nos padrões portugueses, adotavam outras práticas cristãs, como a monogamia, por exemplo. Com isso, civilizavam-se. Além de adotarem a monogamia, nesse processo civilizatório era importante romper com outras práticas comuns aos índios, que não seriam aceitas entre os portugueses cristãos; a antropofagia era uma delas.

A questão da antropofagia dos índios que habitavam os domínios portugueses na América não é interpretada por Serafim Leite como uma questão cultural das tribos. Seu argumento é de que a morte ritual dos índios no Brasil nada tinha a ver com a morte ritual de outras tribos que praticavam sacrifícios a ídolos. A motivação inicial para tais práticas seria econômica. O processo civilizador/educativo que fez com que os índios abandonassem a antropofagia somente foi possível quando uniram esforços a Companhia de Jesus e o Governo-Geral, ou seja, Igreja e Coroa Portuguesa.

A visão de Serafim Leite sobre as populações indígenas na história do Brasil merece ser contextualizada. Desde o século XIX até um momento já avançado do século XX, os intelectuais, grosso modo, interpretaram o papel dos índios na história como secundário, isto é, como se eles não tivessem vontade própria⁸. Sua participação nos acontecimentos históricos sempre foi analisada de acordo com o interesse do elemento externo, dos colonizadores, de forma que eles praticamente estivessem à disposição da vontade alheia. Os textos de Serafim Leite sobre os índios são exemplos desta literatura que hoje é questionada pela Antropologia e pela História.

CONCLUSÃO

Mesmo que indiretamente, Serafim Leite e seu livro *Páginas de História do Brasil* são parte integrante de um grande projeto pedagógico de construção da nacionalidade dirigido por parte da intelectualidade brasileira em determinado momento da história. Um projeto, por sinal, muito bem-sucedido.

Conforme observou Marilena Chauí (2000), cada um de nós experimenta cotidianamente uma presença marcante de uma representação bastante

⁸ Uma análise do papel dos índios na História do Brasil se encontra em Maria Regina Celestino de Almeida (2010).

homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. É em função desta representação, que em muitos momentos é possível crer na unidade, na identidade, na indivisibilidade do povo e da nação e, em outros momentos, conceber a divisão social e política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater. Tudo isto com a função de manutenção da unidade, da identidade e da indivisibilidade nacionais.

Esta sensação experimentada cotidianamente pelos brasileiros precisa ser entendida como resultado de um processo histórico, que teve na primeira metade do século XX, um de seus momentos mais decisivos e significativos. Aí reside uma das importâncias de analisarmos historicamente a obra intelectual de determinados autores. Esta análise nos permite o acesso ao passado, à(s) forma(s) como homens de diferentes épocas construíram suas interpretações e seus projetos identitários e de sociedade.

Portanto, o discurso de Serafim Leite que silencia as diferenças socioculturais, merece ser compreendido no momento em que foi proferido e como parte integrante deste projeto. Ao longo da primeira metade do século XX, tanto no Brasil quanto em Portugal, as duas nações entre as quais Serafim Leite se dividiu, o momento era de reaproximação entre Igreja Católica e Estado, especialmente após os primeiros anos dos regimes republicanos nos dois países. Assim, Leite encontrou um ambiente propício para a escrita, publicação e recepção de suas ideias sobre o passado colonial brasileiro. Além disso, a própria Ordem religiosa da qual o padre fazia parte, buscava se reaproximar do Estado e recuperar o espaço de destaque que em outros momentos tivera, tanto em Portugal quanto no Brasil.

Ao analisar seus escritos, podemos perceber neste intelectual luso-brasileiro uma compreensão de que é o estudo da História, compreendida como os fatos em si (como o passado), que possibilita aos homens do presente, valorizarem um modelo de sociedade sem igual, criado a partir da união dos elementos europeu e indígena, e moldados conforme a fôrma da religião católica. Assim sendo, por meio de um ideal de educação cristã, compreendida num sentido amplo, como o instrumento por meio do qual os homens *bárbaros* são elevados à condição de *civilizados*, os jesuítas teriam sido os responsáveis por dar sentido a uma sociedade única, *triplamente unificada*: em termos de território, língua e religião.

Referências:

- ALMEIDA, M. R. C. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- BATLLORI, M. **Bibliografia de Serafim Leite S.J.** Roma: Institutum Historicum S. I., 1962.
- CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- DUTRA, E. de F. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção *Brasiliana*. In: DUTRA, E. de F.; MOLLIER, J.-Y. (Orgs.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006, p. 299-314.
- _____. Cultura. In: GOMES, A. de C. **Olhando para dentro: 1930-1964**. Rio de Janeiro: Objetiva; Madrid: Fundación Mapfre, p. 229-274. (Col. História do Brasil Nação: 1808-2010).
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GUIMARÃES, L. M. P. Sobre a história da historiografia brasileira como campo de estudos e reflexões. In: NEVES, L. M. B. P. *et alii* (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 19-35.
- LEITE, S. A minha vocação. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, 60, p. 383-394, 1940, julho-dez.
- LEITE, S. **Páginas de História do Brasil**. Biblioteca Pedagógica Brasileira. 5ª série – Brasiliana. Vol. 93. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomos I-X. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006.
- MARTINS, E.; CALDAS, P. Leopold von Ranke (1795-1886). In: BENTIVOGLIO, J.; LOPES, M. A. (orgs.). **A constituição da História como ciência: de Ranke a Braudel**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 13-32.
- PEDRO, L. C. **História da Companhia de Jesus: biografia de uma obra**. 115 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Orientadora: Prof.ª Dra. Lígia Bellini. Salvador, 2008.
- VAINFAS, R. (org.). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- VIOTTI, H. A. Padre Serafim Leite, s. j. (1890-1969). **Verbum**, Rio de Janeiro, XXVII (1-2), 1970, março-junho (em separata).
- WREGE, R. S. **A educação escolar jesuítica: uma leitura da obra de Serafim Leite “História da Companhia de Jesus no Brasil”**. 268 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Prof. Dr. Dermeval Saviani. Campinas, 1993.

